

Aspectos da Aquisição de Línguas de Sinais por Crianças Surdas

Aspects of Sign Language acquisition in Deaf children

Lodenir Becker Karnopp¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo: Este artigo apresenta alguns resultados da pesquisa que desenvolvi durante o Curso de Doutorado, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em 1999, e tem como objetivo discutir como se dá a aquisição da linguagem por crianças surdas, do nascimento aos cinco anos de idade. Inicialmente pretende apresentar um pouco da discussão que ocorre na Lingüística sobre a aquisição da linguagem, isto é, como a criança surda adquire a língua que dominará e usará pouco tempo depois. Este artigo está dividido em três partes. A primeira traz algumas descrições

¹ Mestre e doutora em Lingüística (PUCRS), professora adjunta no Departamento de Estudos Especializados e no Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na modalidade Produtividade em Pesquisa 2. E-mail: lodenir.karnopp@ufrgs.br

e análises sobre o processo de aquisição da língua de sinais. A segunda parte trata da aquisição e desenvolvimento da linguagem no período inicial isto é, das propostas que tentam explicar como se dá esse desenvolvimento e por que ocorre da maneira como ocorre. A terceira parte apresenta aspectos do desenvolvimento de sinais, descrevendo a produção de enunciados de um sinal, enunciados de dois sinais e estágios posteriores do desenvolvimento lingüístico.

Palavras-chave: Surdos – Línguas de Sinais – Aquisição da Linguagem

Abstract: This article presents some results of research that I developed during the PhD course at the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul (PUCRS) in 1999 and aims to discuss ways in which the acquisition of language occurs by deaf children from birth to five years of age. Initially intended to present a discussion about what happens in linguistics language acquisition, ie how deaf children acquire language and use that rule shortly thereafter. This article is divided into three parts. The first gives some descriptions and analysis on the acquisition of sign language. The second part deals with the acquisition and development of language in the initial period that is, proposals that attempt to explain how is this development that occurs and the way it occurs. The third part presents aspects of the development of signs, describing the production of statements of a sign, two signs and sayings of the later stages of language development.

Keywords: Deaf – Sign Language – Language Acquisition

Estudos nas línguas de sinais

A maioria dos estudos sobre aquisição da linguagem focaliza a aquisição das línguas orais. Estudos sobre a aquisição das línguas de sinais são realizados em uma escala bem menor. Diante disso, desenvolvemos este tema com base em estudos sobre a aquisição

da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), conforme Karnopp (1994, 1999) e Quadros (1997) e em estudos sobre a *American Sign Language* (ASL).

As investigações em relação à aquisição da linguagem de crianças surdas procuram colocar os informantes em categorias separadas, considerando o ambiente lingüístico da criança. Assim, temos crianças surdas com pais surdos (ou somente o pai ou somente a mãe) e crianças surdas com pais ouvintes. A ênfase deste texto é quanto ao processo de aquisição da língua de sinais como primeira língua. Para tal fim, a abordagem utilizada focaliza crianças surdas, filhas com pais surdos, expostas, desde o nascimento, à língua de sinais.

Seguindo a definição proposta por Lyons (1981, p. 252), definimos aquisição da linguagem como o “processo que resulta no conhecimento da língua nativa”, pois tal língua não é ensinada, mas adquirida naturalmente. Cabe salientar que diferenças na modalidade entre as línguas orais-auditivas e as línguas gestuais-visuais não obstruem o processo de aquisição de uma língua.

“Devido à sua singularidade física, o domínio da língua de sinais é o único meio que permite ao surdo estar nas mesmas condições de reciprocidade na comunicação que os ouvintes. Para os surdos, o bilingüismo é uma questão de necessidade, mais do que de escolha. Uma necessidade imposta por um estado do corpo que constitui a singularidade do indivíduo. Se os surdos têm necessidade da língua de sinais na educação, é porque são surdos da orelha. Sendo a língua indispensável para entrar plenamente no universo humano, o acesso a uma língua visual é para os surdos uma questão vital.” (Benvenuto 2006, p. 246)

Crianças surdas, expostas à língua de sinais, adquirem tal língua, da mesma forma que as crianças ouvintes, de forma espontânea, adquirem uma língua oral. Assim, as crianças surdas adquirem

a língua de sinais que está à sua volta sem nenhuma instrução especial. Elas começam a produzir sinais, mais ou menos na mesma idade em que as crianças ouvintes começam a falar, e atravessam estágios semelhantes de desenvolvimento lingüístico. Portanto, se a linguagem humana é universal no sentido de que todos os seres humanos possuem a capacidade para adquirir uma língua, não é surpreendente que as línguas de sinais se desenvolvam entre pessoas surdas.

Considerando os aspectos universais das línguas humanas, conforme mencionado anteriormente, é esperado que surdos, expostos à língua de sinais, apresentem semelhanças com o que ocorre em outras línguas, no que se refere à aquisição e desenvolvimento da linguagem. Crianças surdas inicialmente balbuciam com as mãos, começam então a produzir enunciados com um único sinal, enunciados de dois sinais e, em seguida, combinam sinais, formando sentenças simples.

O período inicial do desenvolvimento da linguagem

Embora sejam necessários estudos em relação ao período pré-natal, há consenso entre pesquisadores de que o início do desenvolvimento da linguagem se inicia quando a criança nasce, sendo seguido pelo aparecimento dos primeiros sinais. O balbucio de bebês surdos adquirindo a língua dos sinais precede a produção de seus primeiros itens lexicais (sinais), isto é, eles produzem gestos que são, quanto à forma, semelhantes aos sinais, mas possuem significado variável, instável (Newport & Meier 1986, p. 888). Esse período caracteriza-se pela produção do que é denominado balbucio manual, pelos gestos sociais e pela utilização do apontar (Karnopp, 1999).

Cabe salientar que se identifica um novo período na medida em que uma nova produção acontece. Não ocorre, portanto, o término de um período e o início de outro de forma estanque, mas pode ocorrer a sobreposição, no tempo, entre um período e outro. Por exemplo, o balbucio manual continua sendo produzido mesmo com o início da produção de enunciados de um sinal.

Uma descrição detalhada sobre o desenvolvimento inicial da linguagem deveria, além de discutir aspectos da produção gestual da criança, incluir também informações sobre a percepção de sinais pela criança e sobre a interação entre o adulto e o bebê no processo de aquisição da língua de sinais. Aqui, entretanto, nos limitamos a discutir prioritariamente os aspectos ligados à produção lingüística.

Pesquisas realizadas por Karnopp (1994, 1999) com crianças surdas adquirindo a língua de sinais brasileira e referências encontradas na literatura sobre a aquisição da linguagem do bebê surdo trazem contribuições para a discussão sobre as primeiras produções de bebês surdos. O input visual é, obviamente, necessário para que o bebê passe para etapas posteriores no desenvolvimento da linguagem. Aspectos como o contato visual entre os interlocutores, isto é, o olhar fixo do bebê surdo na face da mãe/ pai, o uso de expressões faciais, a atenção que o bebê surdo coloca no meio visual, a produção de um complexo balbucio manual, de gestos sociais e do ‘apontar’ são aspectos relevantes para o desenvolvimento lingüístico da criança. Muitos dos aspectos das produções iniciais continuam sendo produzidos no período lingüístico; por exemplo, o contato visual, as expressões faciais e o apontar (lexicalizado). Outros, embora com baixa frequência de ocorrência, também continuam sendo produzidos; por exemplo, os gestos sociais.

A interação entre o bebê e a mãe, no processo de aquisição da linguagem, é discutida por Ackerman et al. (1990, p. 338), que salientam as principais diferenças do comportamento lingüístico entre mães surdas e mães ouvintes na comunicação/ interação com suas crianças no primeiro ano de vida. Mães surdas misturam vocalizações e sinais mesmo quando o bebê é surdo, mas esse input apresenta variações de acordo com as diferentes fases do desenvolvimento da criança: à medida que a criança vai aumentando o repertório produtivo, a mãe surda começa a usar mais sinais e a utilizar mais estratégias específicas de atenção visual.

Na análise de tarefas específicas de atenção visual, Ackerman et al. (1990, p. 338) registraram que uma mãe surda procura inicialmente obter a atenção direta do bebê. Ela se refere aos objetos antes ou depois de apontá-los e não fala nem sinaliza enquanto aponta. Trabalha sempre com a atenção visual da criança e não inicia um jogo ou uma brincadeira até que a criança olhe para ela. Crianças surdas em famílias ouvintes, no segundo ano de vida, por outro lado, parecem não ter a disciplina da atenção visual que é desenvolvida nas crianças de família surda durante o primeiro ano.

O período inicial do desenvolvimento da linguagem tem sido investigado não apenas por seu balbucio vocal, mas também por seu balbucio manual – produções manuais, corporais e faciais. Tais produções parecem ser significativas especialmente no estabelecimento da comunicação e na interação entre pais ouvintes com filhos surdos que inicialmente não têm contato com a língua dos sinais (Deuchar 1984). É interessante mencionar que os bebês surdos de pais ouvintes, não expostos à língua de sinais desde o nascimento, começam a desenvolver gestos manuais para expressar seus pensamentos, desejos e necessidades. Pesquisas revelam que os bebês não apenas desenvolvem sinais individuais, mas combinam sinais,

formando sentenças com uma ordem sintática definida e restrições sistemáticas (Fromkin & Rodman 1993).

Em relação à percepção e compreensão dos sinais pela criança, alguns registros referem que a criança surda, por estar impossibilitada de captar estímulos auditivos, presta maior atenção ao meio visual do que a criança ouvinte e capta indícios sutis no rosto humano que lhe servirão para atribuir significado ao léxico de sua língua. Indagações sobre o início da compreensão, sobre a diferença entre compreensão e produção em sinais, sobre a percepção categorial permanecem como aspectos a serem investigados.

Além da interação do bebê com o adulto e da compreensão de sinais, há ainda um terceiro aspecto do desenvolvimento infantil a considerar, a saber, a produção de sinais, cuja investigação tem sido priorizada em estudos da aquisição da linguagem. Nesse sentido, encontram-se registros de que, no primeiro ano de vida, a criança passa por mudanças que vão de um simples choro a um complexo balbucio manual.

A investigação de amostras longitudinais do balbucio vocal de bebês ouvintes tem mostrado que esse não consiste de uma produção de 'barulhos', mas que há um padrão de desenvolvimento nos sons que são produzidos (Stark, 1979). Embora ocorram diferenças individuais entre as crianças, há tendências na produção, que refletem a maturação gradual de estruturas articulatórias e do sistema nervoso central que controla a área da linguagem. Nesse sentido, as produções de bebês surdos e bebês ouvintes neste período de desenvolvimento são equiparáveis, no que diz respeito à produção referente às 30 primeiras semanas, por exemplo: choro reflexo, sons vegetativos, arrulhos, risos e brincadeiras vocais (que incluem o isolamento de alguns segmentos primitivos). Locke (1983, apud Ingram 1989), acredita que as vocalizações tanto de bebês ouvintes

tes quanto de bebês surdos são frutos de estímulos internos e não externos, já que bebês surdos emitem as mesmas vocalizações que bebês ouvintes. Ingram (1989) relata a explicação de Oller (1985) de que o bebê está intencionalmente explorando suas capacidades vocais. Desse modo, a criança é um participante ativo no processo e é sensível ao ambiente lingüístico. Oller (1985) conclui que o balbucio vocal é, na verdade, relevante para o desenvolvimento das habilidades lingüísticas da criança e que o input lingüístico é necessário para que o bebê passe para estágios posteriores. Em relação às crianças surdas, estudos referem que o balbucio vocal de surdos não inclui seqüências de consoantes e vogais, mas consiste na produção de vocalizações não ordenadas.²

Dados da Língua Americana de Sinais rejeitam a idéia de que o balbucio é determinado pelo desenvolvimento motor dos mecanismos articulatórios. Para Petitto e Marentette (1991), o balbucio é uma expressão de uma capacidade lingüística mental (brain-based) que independe da modalidade articulatória da fala ou do sinal. Tanto o balbucio manual quanto o balbucio vocal contêm unidades e combinações de unidades que são organizadas de acordo com as propriedades silábicas e prosódicas da linguagem humana. As autoras concluem que a forma e a organização do balbucio estão ligadas ao sistema lingüístico da língua em aquisição.

Surdos e ouvintes produzem gestos manuais muito similares durante o primeiro ano, tornando-se difícil a distinção entre o balbucio manual compartilhado entre bebês surdos e ouvintes, e as produções manuais que são específicas dos bebês surdos: situações em que as crianças produzem gestos que representam algum ob-

2 A seqüência silábica produzida por crianças surdas expostas à Língua de Sinais correspondem, por exemplo, a seqüências de LML-LML (Locação, Movimento, Locação)

jeto ou evento aos quais elas se referem, tais como abrir e fechar a mão para pedir algo, ou mover os braços para indicar um pássaro, são comuns em crianças surdas e ouvintes (Acredolo e Goodwyn, 1988; Petitto, 1988; Shore et al., 1990). Esse fato torna complexa a distinção entre sinais e gestos, pois ambos são referenciais, comunicativos e produzidos manualmente. Por isso, a distinção desses dois tipos de atividade manual e o status simbólico dos gestos iniciais na aquisição da linguagem é uma questão que tem recebido atenção recentemente (Acredolo e Goodwyn, 1988; Bates et al., 1979; Petitto, 1988).

O período do desenvolvimento lingüístico

O termo aquisição da palavra (sinal) pode ser entendido de diversas maneiras, ou seja, pode se referir a qualquer gesto produzido e usado pelo bebê em um contexto consistente, ou pode se referir a um sinal da linguagem adulta que é entendido e usado como tal. Em analogia com a definição que Ingram (1989, p. 139) adota para as línguas orais, utilizamos aqui a definição de que o primeiro sinal é um sinal semelhante à linguagem adulta e que é entendido com algum significado, embora variável.

A partir de uma revisão bibliográfica, constatou-se que a maioria dos estudos realizados durante o desenvolvimento dos enunciados de um e dois sinais focalizam, em especial, a produção. Assim sendo, necessita-se de investigações em relação ao desenvolvimento da compreensão da língua dos sinais que observem, entre outras coisas, o início da compreensão; em que medida a compreensão antecede a produção de sinais; a diferença na extensão dos vocabulários receptivo e produtivo; a dependência e/ou independência entre produção e compreensão de sinais; a média de palavras compreendidas no início da produção e em estágios posteriores.

Enunciados de um sinal

Os primeiros estudos sobre a aquisição da língua de sinais, realizados por Schlesinger e Meadow (1972), Prinz e Prinz (1981) e Brown (1977), entre outros, investigaram o processo de aquisição da Língua de Sinais Americana (ASL) por crianças surdas ou ouvintes, expostas desde o nascimento a essa modalidade de língua (Deuchar 1984, p. 154).

Os resultados de Schlesinger e Meadow (1972) fornecem dados importantes sobre o tamanho do vocabulário e sobre o período em que o primeiro sinal foi produzido. Os autores relatam que as crianças inicialmente produzem enunciados com um só sinal e então começam a produzir dois ou mais sinais em combinação. Mostraram que uma das crianças, Ann, tinha um amplo vocabulário em sinais aos 19 meses, se comparado ao vocabulário de crianças ouvintes. Em diários da aquisição da linguagem de duas crianças ouvintes, expostas ao inglês e à ASL, eles verificaram que o primeiro sinal surgiu antes da primeira palavra, sendo que, para uma das crianças, o primeiro sinal apareceu aos cinco meses e meio. Pode-se, entretanto, questionar os critérios utilizados pelos autores para identificar a produção do primeiro sinal. Uma das alternativas utilizadas para se evitar este tipo de objeção é investigar não somente a produção do primeiro sinal, mas a produção dos dez primeiros sinais. Utilizando essa alternativa, a maioria dos estudos de aquisição da linguagem registra que o aparecimento das primeiras palavras/sinais ocorre em torno dos 10 meses.

Ackerman et al (1990, p. 339) confirmam tais dados, relatando que os primeiros sinais na Língua de Sinais Britânica (BSL) foram produzidos aos 11 meses por uma criança surda e aos 11 meses por uma criança ouvinte. Além disso, os autores relatam que a média de idade na produção dos dez primeiros sinais é de 15 meses de idade

em crianças surdas e de 13 meses em crianças ouvintes adquirindo a Língua de Sinais Britânica e o Inglês, respectivamente.

Por outro lado, a hipótese de que a aquisição da língua dos sinais se iniciaria mais cedo do que a aquisição das línguas orais gerou discussões entre alguns pesquisadores sobre a questão da iconicidade nas línguas de sinais, sobre o desenvolvimento motor das mãos, sobre a questão da visibilidade dos articuladores e a interferência dos pais na produção dos sinais.

Um exemplo dessa polêmica é encontrado em Prinz e Prinz (1981) que, em um estudo comparativo feito com uma criança ouvinte que estava adquirindo o inglês e a ASL (pois tinha a mãe surda e o pai ouvinte), demonstraram que: (a) os sinais eram adquiridos mais cedo do que as palavras; (b) entre os 7 e 21 meses o número de sinais era mais amplo que o número de palavras; (c) a produção de sentenças simples incluía, às vezes, sinais e palavras e, mais tarde, dependendo do interlocutor, a criança começou a usar somente sinais ou somente fala, distinguindo os dois sistemas lingüísticos; (d) a aquisição da linguagem em duas diferentes modalidades (oral-auditiva e gestual-visual) apresentou um paralelo com o desenvolvimento lingüístico de crianças ouvintes adquirindo simultaneamente duas ou mais línguas faladas.

Brown (1977) afirma que a iconicidade das línguas de sinais favorece o aparecimento do primeiro sinal antes que a primeira palavra. Seu argumento baseia-se no fato de que os primeiros itens do vocabulário das crianças estão no “nível básico do objeto” (isto é, referem-se aos objetos básicos do ambiente da criança, como leite, mesa, maçã, etc.) e que os sinais para tais objetos teriam um alto grau de iconicidade. Um contra-argumento para a suposição de Brown aparece em Prinz e Prinz (1981), que questionam a idéia de que os sinais que são icônicos para os adultos também o seriam

para as crianças, apontando para o fato de que a percepção da iconicidade em muitos sinais depende de sua etimologia (por exemplo, na LIBRAS, o sinal LEITE vem da noção de tirar leite de uma vaca).

Bonvillian (1983) sugere que o aparecimento acelerado dos primeiros sinais pode ser devido não à iconicidade, mas a três outros fatores: (i) as mãos das crianças podem ser moldadas e guiadas pelos pais (enquanto isso não ocorre de um modo pleno para os órgãos vocais); (ii) as crianças surdas recebem diferentes respostas (feedbacks) visuais em suas produções, e (iii) o controle dos músculos manuais ocorre mais rapidamente que o desenvolvimento dos músculos da cavidade oral (sistema articulatório da fala). Entretanto, para o autor, tais fatores são operativos nos primeiros estágios, pois no desenvolvimento posterior da língua dos sinais há um paralelo entre o desenvolvimento das línguas orais e das línguas de sinais, já que *“ambos os sistemas refletem as habilidades cognitivas subjacentes”* (Bonvillian 1983, p. 124). Do mesmo modo, Klima e Bellugi conduziram um estudo da aquisição da ASL e concluíram que *“alguns dos processos básicos da aquisição da linguagem são os mesmos independentemente da modalidade”* (Klima e Bellugi 1972, p. 96).

Das discussões realizadas sobre a questão da produção dos primeiros sinais e das primeiras palavras no vocabulário da criança e sobre as possíveis implicações da iconicidade na aquisição de sinais, pode-se concluir que, apesar das diferenças individuais dos informantes, das diferenças entre as línguas e entre as modalidades de línguas, há um certo paralelo no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem que independe da distinção língua gestual-visual ou oral-auditiva.

Em termos gerais, pode-se dizer então que os primeiros sinais ou as primeiras palavras aparecem entre os 10 meses e o 1º ano de idade. Estudos de aquisição da linguagem de crianças surdas com pais surdos têm mostrado que elas inicialmente balbuciam com as mãos, começam então a produzir enunciados com um único sinal e, em seguida, combinam sinais formando sentenças simples.

Nas línguas orais, Ingram (1989) refere a aquisição do número de palavras no vocabulário infantil, utilizando dados de Smith (1926) e Benedict (1979). Nas línguas de sinais encontram-se registros da quantidade de sinais no vocabulário infantil em McIntire (1977), Bonvillian e Siedlecki (1996) e Marentette (1995). Como se observa, a evidência compilada por tais estudos sugere que há generalizações comuns à produção dos primeiros sinais e ao desenvolvimento do vocabulário infantil em línguas orais e línguas de sinais.

Segundo Ingram (1989), o tamanho do vocabulário em crianças adquirindo o inglês, relatado em Smith (1926) foi o seguinte: a primeira palavra surgiu aos 10 meses, com 1;3 constavam 19 palavras e com 1;9 havia 118 palavras no vocabulário infantil. Ingram (1989) relata também os resultados de Benedict (1979), que acompanhou durante seis meses o desenvolvimento do vocabulário de oito crianças adquirindo o inglês: com 1;3 (20 palavras), com 1;4 (30 palavras), com 1;5 (40 palavras) e com 1;9 (50 palavras).

McIntire (1977) examinou a produção de sinais na ASL de uma criança surda, filha de pais surdos, e registrou que, no início da investigação, quando a criança estava com a idade de 1;1, o vocabulário estava em torno de 85 sinais e que, ao final da investigação, com 1;9, ela estava produzindo mais de 200 sinais.

Marentette (1995, p. 75) realizou um estudo de caso, acompanhando longitudinalmente uma menina ouvinte, filha de pais surdos, que apresentou a seguinte média de aquisição na ASL: com 1;0 (05 sinais), com 1;3 (11 sinais), com 1;5 (18 sinais), com 1;6 (42 sinais), com 1;9 (63 sinais), com 1;11 (19 sinais) e com 2;1 (70 sinais).

A comparação acima demonstra que há um certo paralelo entre as línguas de sinais e as línguas orais no que diz respeito à correlação entre o número de itens lexicais produzidos (palavras e sinais) e a idade da criança. Cabe salientar, entretanto, que as investigações cujos resultados foram descritos acima diferem em alguns aspectos, se forem considerados os objetivos de cada pesquisa, a metodologia utilizada e as diferenças no input.

Enunciados de dois sinais e estágios posteriores do desenvolvimento lingüístico

Ao final do período caracterizado pelos enunciados de um sinal (mais ou menos aos dois anos de idade, variando de criança para criança), começam a aparecer, enunciados formados por dois sinais. Eles consistem, basicamente, no agrupamento de dois sinais que são ligados por algum tipo de relação semântica.

Estudos realizados por Bonvillian et al. (1983) constataram que a média de idade na produção dos enunciados de dois sinais é de 17 meses (variando entre 12 e 22 meses), enquanto que nas línguas orais os enunciados de duas palavras ocorrem entre os 18 e 21 meses. Para tais autores, isto sugere que tanto a fala quanto o sinal são restritos por fatores cognitivos ou lingüísticos mais profundos e não por fatores superficiais relacionados à modalidade.

Como na aquisição das línguas orais, o início do estágio de dois sinais co-ocorre com a produção de enunciados de dois sinais. De um modo geral, o período do desenvolvimento de dois sinais apresenta as seguintes características, conforme Newport & Meier (1986):

- emergência de relações semânticas entre os elementos (sinais), em uma mesma ordem como nas línguas orais. Os tipos de relações semânticas entre os elementos dos enunciados são os seguintes: agente + ação; ação + objeto; agente + objeto; ação + lugar; demonstrativo + entidade; entre outros;
- tais enunciados consistem tipicamente de itens lexicais que continuam sendo formas de citação não-flexionadas;

Hoffmeister (1978, apud Deuchar 1984) apresentou dados abrangentes, a partir de uma pesquisa longitudinal realizada com três crianças entre 2 e 5 anos, sobre o uso da ordem (por exemplo, Sujeito-Verbo, Verbo-Objeto, Sujeito-Verbo-Objeto) como uma estratégia sintática para marcar e atribuir função aos elementos do enunciado. Tal estratégia sintática é adquirida antes das flexões a nível morfológico. Assim, a ordem adotada pelas crianças é a ordem canônica da linguagem do adulto. A ordem das palavras é a primeira estratégia sintática para assinalar a função dos elementos da sentença. Em enunciados produzidos pelas crianças, apareceram as seguintes funções: localizar, nomear, pedir, desejar, negar, descrever evento ou situação, indicar posse, entre outros (Deuchar 1984).

Após a fase de dois sinais, surgem enunciados com maior número de sinais que, aos poucos, vão se aproximando da linguagem do adulto. Começam a aparecer os morfemas flexionais e derivacionais (Newport & Meier 1986).

O período de maior desenvolvimento lingüístico vai mais ou menos até os cinco anos, quando a criança já tem uma capacidade lingüística bem próxima à do adulto. Supõe-se que, como nas línguas orais, as aquisições posteriores nas línguas de sinais estejam relacionadas à complexidade sintática e semântica da língua em questão.

Há diversos estudos sobre a aquisição da concordância verbal na LIBRAS, enfocando os mecanismos gramaticais para indicar a relação entre o verbo e seus argumentos e, ainda, estudos sobre a estrutura frasal da LIBRAS, sobre o estabelecimento nominal e sobre o sistema de pronominalização, desenvolvidos por Quadros (1995, 1999).

Conclusão

O interesse em relação ao estudo das línguas de sinais é crescente, pois até bem pouco tempo atrás as concepções e investigações acerca da linguagem humana eram proporcionadas somente pelo estudo das línguas orais. Entretanto, as línguas de sinais, por serem línguas nativas de comunidades surdas e de modalidade gestual-visual, podem fornecer novas perspectivas teóricas sobre as línguas humanas, sobre os determinantes da linguagem e sobre o processo de aquisição e desenvolvimento das línguas humanas.

Referências

ACKERMAN, et al. Lexical acquisition in sign and speech: evidence from a longitudinal study of infants in deaf families. In: LUCAS, Ceil (ed.). *Sign Language Research: Theoretical issues*. Washington: Gallaudet University, 1990.

- ACREODOLO, L. and GOODWYN, S. Symbolic gesturing in normal infants. *Child Development* 59, p. 450-66, 1988.
- BATES, E. et al. *The emergency of symbols: cognition and communication in infancy*. New York: Academic Press, 1979.
- BENVENUTTO, Andrea. O surdo e o *inaudito*. À escuta de Michel Foucault. In: GONDRA, J.; KOHAN, W. *Foucault 80 anos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 227-246
- BONVILIAN, J. et. al. Early sign language acquisition and its relation to cognitive and motor development. In: KYLE, J. and WOLL, B (ed.). *An international perspective on Sign Language*. London: Croom Helm, p. 116-25, 1983.
- BONVILLIAN, J. D. & SIEDLECKY, T. Jr. Young children's acquisition of the location aspect of American Sign Language signs: Parental report findings. In: *J. Commun. Disord.* 29, p. 13-35, 1996.
- BROWN, R. N. Introduction: In: SNOW, C. E. and FERGUSON, C. A. (Eds). *Talking to Children*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- DEUCHAR, M. *British Sign Language*. London: Routledge and Kegan Paul, 1984.
- FROMKIN, V. and RODMAN, R. *An Introduction to Language*. Forth Worth: 5ª ed., Harcourt Brace Jovanovich College, 1993.
- INGRAM, David. *First language acquisition: method, description and explanation*. Cambridge: Cambridge University, 1989.
- KARNOPP, L. B. Aquisição do parâmetro configuração de mão na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos. Porto Alegre, PUC: *Dissertação de Mestrado*, 1994.
- KARNOPP, L. B. Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda. Porto Alegre, PUCRS: *Tese de Doutorado*, 1999.

KLIMA, E., and BELLUGI, U. *The signs of language*. Cambridge, MA: Harvard University, 1979.

LYONS, J. *Linguagem e Lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

MARENTETTE, Paula F. It's in her hands: A case study of the emergence of phonology in American Sign Language. *PHD Dissertation*, Montreal: McGill University, Department of Psychology, 1995.

McINTIRE, M. The acquisition of American Sign Language hand configurations. *Sign Language Studies* 16, p.247-66, 1977.

NEWPORT, E. and MEIER, R. The Acquisition of American Sign Language. In: SLOBIN, D. I. (Ed.). *Cross-linguistic study of language acquisition*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1986.

PETITTO, L. A. and MARENTETTE, P. F. Babbling in the manual mode: Evidence for the ontogeny of language. *Science* 251, p. 1493-6, 1991.

PETITTO, L. A. "Language" in the prelinguistic child. In: KESSEL, F. S. (Ed.). *The development of language and language researchers*, p. 187-222, LEA, 1988.

PRINZ, P. M., and PRINZ, E. A. Acquisition of ASL and spoken English by a hearing child of a deaf mother and a hearing father - Phase II: Early combinatorial patterns. *Sign Language Studies* 30, p. 78-88, 1981.

QUADROS, R. M de. *Educação de Surdos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M. de. As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na LIVRAS e reflexos no processo de aquisição. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1995.

SCHLESINGER, H. and MEADOW, K. *Sound and Sign: childhood deafness and mental health*. Berkeley: University of California, 1972.

SHORE, C. et al. Vocal and gestural symbols: Similarities and differences from 13 to 28 months. In: VOLTERRA, V. and ERTING, C. J. (Eds.). *From gesture to language in hearing and deaf children*. New York: Springer-Verlag, p. 79-91, 1990.

SIPLE, P. Visual constraints for sign language communication. *Sign Language Studies* 19, p. 95-110, 1978.

STARK, R. E. Prespeech segmental feature development. In: FLETCHER, P. and GARDMAN, M. (Eds.) *Language acquisition*. Cambridge: Cambridge University, 1979.

Submetido em: 31/10/2011

Aceito em: 30/11/2011